

CEDROS

Livro 6

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Preparação de originais
Carmem Hanning

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação

Ao meu filho Leonardo Oliveira Hallal

Roberto Curi Hallal

PODE O AMOR

Pode o amor ser algo leve sem eliminar o principal? Pode ser justo com os desejos sendo precavido? Pode alcançar o milagre do silêncio que guia o ato absoluto de ser encontrado? Pode diminuir a pressa do fim sendo o alimento do amanhã? Pode o amor carregar todo o entusiasmo encantando as altas dificuldades e nele sobreviverem as poesias e as decididas vontades? Pode o amor depositar-se em algum humano capaz de entendê-lo, por direito e avesso, representá-lo?



ETAPAS DO AMOR

Cumpridas todas as etapas do amor, rompo os laços com os quais se vão os espantos, as raivas, as decepções, o que não pudemos perdoar assistindo à morte dos fartos sonhos. Entrando em minúcias, vamos às despedidas pensando no ciclo das lembranças que ficaram apagadas.

TEMPOS DE FUGAS

Nestes tempos de fugas precipitadas, de regressos intempestivos, escapa a oportunidade de nos compreendermos melhor e nos emocionar.



INCLUSO O TEMPO

Me desconcerto com a precisão do tempo, suas apetências, seus segredos. O tempo rouba-me hoje todos os dias, adiantando-se permanentemente, sem deixar a paz descansar, sem querer saber se todas as horas são oportunas.



COMO CHEGUEI

Cheguei como podia; com o amor próprio enfermo, com a utopia fragilizada, com sustos eróticos e surtos românticos.

REPLETA DE VIDA

Cansei de acenar os lenços nas despedidas, preciso dos abraços das chegadas, as mãos estendidas e os olhos abertos. Preciso de água doce, limpa, repleta de vida.



SEM RÓTULOS

Chego sem rótulos, puro como o céu, arriscado como os anjos, pretencioso como a vida, caio como o suor e a lágrima franca. Presente na carne, no osso, no argumento, limpo a terra onde piso. Meu andar é sem limites. Olho de frente para o vento, meço desertos, giro como girassol, estudo as marés e termino como jornada, resumindo os esforços do dia.

ACÚMULOS

Uma aventura inédita prometia um final feliz. Favores impossíveis deitaram-se junto aos corpos nus imitavam vozes de pássaros. Acessos de animalidade pressagiaram inusitados prazeres. Queimadas as promessas, se derreteram na sequência dos tão esperados gozos. Houve então, um desfile, implorando, suspendendo aquela navegação por acúmulo de cansaços.



ÚNICA SAÍDA

A única saída é remendar, usar agulha e linha, repor o cordão umbilical no seu devido lugar, de onde nunca deveria ter saído, pois nele residem todos os sonhos, todas as heranças, as milenares realidades escondidas em cada célula.

TÃO DESERTO

Eu estava tão deserto, sentia como se em mim se reunisse toda a solidão do mundo. Anos de trabalho para restaurar a confiança, sentia a falta de afagos, de olhares gentis, da compreensão que acompanha a boa-vontade. Falta alguém embriagado que declame versos de amores autênticos, que mostre seus defeitos e use o desejo e exclua a promessa de não pecar e a penitência de confessar em público todos seus amores.



SEM DEIXAR VESTÍGIOS

Tenho desenvolvido técnicas para ir desaparecendo sem deixar vestígios. Descansar os átomos que carrego, as memórias de que padeço, abandonar-me na certeza que me provoca saber o que sei, até por humildade inventar estradas sinalizadas por onde possa conduzir a cultura, a história, os sentidos.

DURA SEMPRE DURA

Dura a pele, o tempo, a dor; dura o vento, o choro, a ausência; dura a pedra, a raiva, a febre. Dura durante toda a vida, no claro e no escuro, no velório e na festa, na bala e na ferida, na chegada e na despedida.



REVISO MEMÓRIAS

Reviso memórias, reviro armários, volto a um lugar de onde nunca saí. Releio aquele poema que me iniciou; rasgo a pele até chegar ao osso, provo que o sangue é meu, e que em ondas cai e cala fundo avisando que a chaga ainda está aberta.

MEMÓRIA ATADA

Minha memória ficou atada a um cedro, demasiado carregada de sentidos; minha memória cresceu, se afastava com passos largos até perdê-lo de vista. Desorientada, perdeu sua identidade, distanciando-se das raízes que me reconheciam.



CADA MEMÓRIA

Cada memória conta uma história que vagueia assombrada de um lado a outro à espera de alguém que a refresque. Essas são suas declarações de amor.



TODO AMOR

Todo amor é temporal, alguns tempestade, outros calmaria.

OUÇO O VENTO

Ouço o vento desértico, que não seguem em silêncio incansáveis distâncias, provoca metas sem destino, corredor aprendiz, de régua, papel e lápis desenha o caminho que significa a rota, errante, solto. Ouço o vento ao sabor da alegoria, disfarçado de alegria, repleto de sobrecargas, sonhos mal calculados, desejos mal realizados, ofensas pousadas, inimigos aliados, barcos desancorados. São apenas ventos deslocados, tresloucados carregadores.



CORPOS E FANTASIAS

Iluminados, contaram suas tristezas, desfrutaram de suas emoções com descrições; sem se cansar, cantaram canções. Estiveram ali sentados esquentando os corações, entregando os corpos para fantasias. Chegados ao extremo, sentaram-se, fizeram uma pequena fogueira ali onde os pastores acendiam seus lugares de descanso.

INSERÇÃO

Nunca há uma hora certa para inserir no presente todo o prazer guardado. Ele aguarda atenção agarrado no móvel, na foto, no livro, celebrado nos olhos, nas bocas que contam o gesto aprendido na vida. Eles guardam com esperança a ressurreição.



O PÃO E OS PEIXES

Misturo a fila do pão, os peixes sequestrados, a coragem evadida, o milagre omitido, a tristeza que me invade, o vazio que te fez deixar sem sentidos, as magias acabadas, as energias animadas pelos fantasmas, a recuperação dos mortos, dos pedaços, dos choros não vividos, dos significados, dos sentidos, dos mistérios na tentativa de restaurar aquele que fui.

SÓ PÓ

Só pó, versão, invenção antes, agora, depois.



A RUPTURA

A ruptura com a história de origem lesa a construção da identidade.



MINHAS INVENÇÕES

Invento personagens que vistam o amor que transborda na minha imaginação.

Esse amor brota como chuva, como água nascente, nasce diário. Acreditando sempre, busca colheitas.

JOGAR FORA

Não posso jogar fora as minhas memórias, pois elas são tudo o que me sobrou do meu passado. A saudade é seca como a sede, intensa e pegajosa como o sal, desalinha como o vento, desequilibra como a fome. A saudade me faz sentir a presença da ausência. Eu não consigo ir embora desse lugar.



PASSOS ECONOMICOS

Tento encontrar uma passagem, dou passos econômicos. Encerro a minha sombra que me persegue lenta e fiel em um novelo de lembranças que alteram o passado de acordo com a conveniência.



DISTRAÍDO

Um homem distraído não pensa na vida. Refugiado na ausência de si mesmo, não sabe o que fazer da sua liberdade.

A NOITE

A noite, quando o dia havia abandonado o espaço, começou a escurecer antes que alguém ordenasse. Cantos ancestrais embalaram carências noturnas vastos lugares onde eufóricas lembranças planejavam sonhos e outras improvisações.



DESMORONA A ÉTICA

Desmorona a ética por falta de meios para sustentar-se. Uma cultura que assume a demência como indicador de inovação e o nada como fonte de inspiração, obriga a recorrer à compra e à venda do patrimônio espiritual. Ao primeiro indício de que a vigília é inútil, toda vez que a palavra se afasta do compromisso de carregar as verdades e se aproxima da clientela disposta a consumir delinquências, encontra-os despreocupados como se não tivessem o que perder.

PROVA FINAL

Como faremos para adiar a prova final que a morte insiste em nos aplicar?



ESPECTRO

Não sou um espectro, sou a soma dos meus sinais, venho por mares longínquos, vou onde as estrelas e o vento que levem. Não sou só a carne e o osso, sou quem busca escapar da imagem.

AFORTUNADAS COMIDAS

Primeiro era o espetáculo da construção, mãos hábeis acariciando o alimento, avançando em todas as direções: o aroma. Logo depois a distribuição do resultado coberto com o azeite; a coalhada. Enquanto comíamos em transe, cobertos de prazer, recorrendo às fatias de pão, repetíamos, indicando o hábito de comemorar o almoço combinando o jantar. Para repartir a façanha, sempre haviam convidados sabedores da natural simpatia do acolhimento. A fartura, a gentil acolhida e a mão generosa da abundância. A sobreposição do talento, do bom gosto à tecnologia artesanal transformando-se num sucesso fantástico naquela paisagem que banhava de romântico um lugar trivial.



TODAS AS BRINCADEIRAS

Quase todas as coisas referentes à minha infância carrego na memória coletiva da família. Lá estão presentes crianças na paisagem repleta de cerimoniais impregnados de motivos para levar a sério todas as brincadeiras. Notícias de longe transportadas por mares com caminhos sem volta.

CASA DA INFÂNCIA

Na rua os meninos brincam e na sala só esperas;
nos quartos as grandes respostas e o silêncio das
perguntas; na cozinha se dissolvem as substancias no
fogo lento, convocando reuniões e apetites. No pátio,
fluido e musical o vento correndo até perder as formas
circulando entre as parreiras e as figueiras.



A TERRA DO RIO AMAZONAS

Como que saídos de uma fábula, fugiam grupos de
desesperados exaustos e resignados, deixando para
trás a ilusão do ouro, a sede da conquista, o espanto,
as guerras, os genocídios. Os descobridores mascates
descobriram que a terra do rio Amazonas não está ali
para que eles a peguem. Ao contrário, é a terra que
lhes pega.

CHEGO À PRAÇA

Chego como um visitante incauto, usurpo paisagens, me limito a transpor o avanço e o recuo do deserto, cravo uma gota verde em meio a um oásis para denunciar a fronteira entre a arte imaginada e a água fictícia.



VELHOS SENTIDOS

Defino uma vocação por transformar água ausente em água corrente; deserto, em verdes vitais; refúgio em segurança, o fugaz em perpétuo. Esforço-me em resolver pendências, dominado pelo ato de sonhar e por pura empolgação e nostalgia; uma ponta de pretensão atrás de sentir algo novo que me aguace os velhos sentidos.

ESPERANÇAS SUFICIENTES

Transporto esperanças suficientes para meu próprio sustento. Às vezes, sobra um pouco delas que eu distribuo. Elas nunca chegam a transbordar. Lamentável a lerdeza da sua reposição, seria extremamente útil tê-las acumuladas.



RECONSTRUIR

Se fosse possível reconstruir o passado, economizaríamos as lembranças suas funções de transportadoras de histórias.



TRANCAR POR DENTRO

Vou-me trancar por dentro, fechar as comportas, jogar fora a chave, livrar-me dos acessos, dos pronunciamentos, das abordagens, das falcatruas, das emoções contidas, das estupidezes, das almas fúteis. Vou-me livrar dos sem-sentidos, dos sem-afetos, dos sem-sonhos. Vou ficar quieto, economizando perplexidades, folego e decepções.

OS PATROCINADORES

Para satisfazer os patrocinadores, os filhos reagem de acordo com as rotas de navegação dos “organizadores”. Deambulam pela escola, aparecem nas fotografias, aceitam beijos de estranhos, viajam sem saber para onde, comem sopa, papinha, atravessam desertos, disfarçam os medos e dispensam ofensas, palmadas, gritos, vultos saídos do escuro e outros sustos mais.



PESADELOS

Uma espécie de pesadelo veio me comer, desenhando miragens que não cabiam no meu sono, empurrando sem disfarces o que eu não reconhecia como o pior sol dos desertos. Eu não queria pensar naquilo, queria apenas dormir. Amanhã, se voltarem, falaremos disto.

CICLOS

As árvores nuas denunciam descuidos, a volta dos pássaros sinaliza a vida, a fonte expulsa a água e a montanha rebate o eco que balança as árvores que guardam os ninhos dos pássaros que bebem a água que escorre da montanha e molha as árvores que dão os frutos que os pássaros comem e espalham as sementes que cobrem a terra de frutos que alimentam os pássaros e os homens que voltaram a plantar.



EVOCO

Evoco um esquecido estado de inocência, tarefa nada fácil sabendo que a plenitude desta verdade nunca será concluída. Resigno-me à tentativa de brincar com a temporalidade desobedecendo aos espaços, ressuscitando uma criança perdida no meio da minha involuída maturidade.

NÃO SAIAS

Não saia nunca da lembrança. Às vezes te visito por lá, te ouço e te vejo com ares de quem me perdoa por tanta ausência. Conheces os meus medos, sabes por que te esqueço. Orquestro disponibilidades nesta estranha vida despovoada, esvaziada, desencontrada. As lembranças continuam guardadas dentro de mim, espero que os meus cedros não saiam do mesmo lugar.



DOR ALHEIA

A dor alheia, o saber alheio, o riso alheio, a pobreza alheia, viver o alheio, o cheiro alheio. Incorporar a alegria alheia, o tédio alheio, a fome e o alimento alheio, o sabor alheio. Ao descobrir além-fronteiras curei-me do individualismo que me entortava numa única e minha direção.



MÁS IDEIAS

As más ideias cedo ou tarde saem caras.

DISTRIBUIDOR DE PÃES

O distribuidor de pães desafiou a fome, viciou os famintos, eles agora se ocupam de outras coisas, já não reviram os lixos. Acariciam com as pontas dos dedos os filhos que pararam de chorar de fome.



SILENCIOS ELETRONICOS

Torço por silêncios eletrônicos, quero apagões para ver as pessoas tendo que me olhar de frente. Desacostumadas ao olho-no-olho, quero vê-los expor no osso os seus defeitos, quero que o olhar desviado das máquinas encontre experiências marcantes, ver um pouco que há gente por perto, que estão numa “roubada”, numa masturbação ocular, numa ação de dar pena. Torço pra que elas percam o medo de ver pessoas por perto, que se desacostumem às distancias e que parem de falar com fantasmas.

SOCORRO

Minhas paixões são mais antigas que a minha razão, meu nome mais velho que meus títulos, minha lucidez ainda evoluindo, os esforços domesticando a minha vontade de chamar meus fantasmas e gritar por socorro.



MEUS ESCRITOS

Meus escritos são minhas cinzas, por isso quero-os espalhados na vida e na morte para que semeiem e convoquem vontades de mudanças.

ALGUNS CONSELHOS

Guardo protegidos alguns conselhos sem uso; eles querem ser doados, mas prometi a mim mesmo que lhes pouparia a proximidade dessas desgraças. Não servem para nada além de incomodar quem não os pediu. São como monstros jogados no caminho para confundir. Todo conselho é um moleque enfeitado pouco providencial. Ninguém se realiza com uma emoção alheia, usada, mal resolvida.



ARES

Minha solidão pede ares colaborativos. Aguarda em silêncio como se não estivesse ali. Tece o vazio ordenando o dever da milenar esperança; mola-mestra.

IRMANADO

Abandonei a convocação, já paguei todos os pecados, ressuscito de um purgatório que não é meu, de uma culpa que não é minha, de uma melancolia emprestada, acanhado debaixo de uma cruz que saltou nas minhas costas. Não foi isto que combinei com Cristo quando com ele me irmanei.



MUDA E SOMBRIA

Em minhas mãos acampam pedidos. Nelas toda a impotência, cicatrizes da servidão muda e sombria.



MEU GRITO

Meu grito é pedra pesada, é de aço migrado, destemperado. Tempo aprisionado no espaço, árvore sem fruto. Meu grito acorrentado transborda o medo, e segue o único curso viável.

PEQUENO ARCO-ÍRIS

Um pequeno arco-íris guarda em si algum mito imperceptível. Misteriosamente, avança de algum lugar deserto a outro, prometendo ser oásis, sem que eu possa definir a razão da sua viagem. Acredito que carregue sonhos não cumpridos, buscando salvação.



HOJE EU QUERIA

Hoje eu queria comer a comida da minha mãe, conversar com meu pai, queria deitar-me protegido do frio e conversar de olhos fechados com meus irmãos, queria acordar numa casa cheia de gente confiável e disfrutar da ternura gratuitamente distribuída numa mesa com pratos cheios de amor. Disso tudo, estou morrendo de saudades.

MEMÓRIAS SOBREVIVENTES

Esqueci tudo o que não me foi permitido lembrar. Vez por outra minha memória desobedece e invade alguma fresta, algum vão. Parece um desfile de espantadas constatações jamais possíveis nem imaginadas. Nelas recebo beijos de tios desaparecidos, de outros distantes que já não conseguem ter nome legível, e outros que balbuciavam coisas sem sentido. Eu apareço usando suspensórios que usaria o resto da vida. Amigos, lado a lado, sem se olharem, se comportavam como estranhos. Um desfile de memórias impecáveis desafiam a morte naquela reunião de memórias sobreviventes.



NAVEGO

Navego colossais afetos transformando-me em um único objetivo. Despojado diante de uma atração irresistível, me evado do sentir banal e me entrego aos pecados mediterrâneos de amar e comer, quando, renovado, cobiço virtudes provedoras de novos habitares. Jovens notícias renovam minhas velhas memórias.

GESTOS

Especializo-me em poderes, em contradição comigo mesmo, dito-me ordens carecendo de cumprimentos, uma mediação capenga pelos caminhos ocupados dos espetáculos que me inspiram solidão, presenças desacompanhadas, gestos que são mercadorias ocupando espaços onde não me situo nem me reconheço.



CARREGO INGÊNUO

Tento apropriar-me da verdade profana antes que me engulam imagens depuradoras, artificialmente encantadoras, empregando valores impostores, ocupando-se do vazio que ainda carrego ingênuo.



PERMISSÃO

Enquanto o tempo me permita lembrar, farei dessa capacidade de memorizar a mais importante de todas, pois sigo proprietário da minha existência, circulando entre o passado e o presente.

TRANSPOSIÇÃO

O passado não se apresenta como reminiscências; se impõe inteiro parecendo mais uma transposição.



RESÍDUOS DE MEMÓRIAS

Resíduos de memórias se escondem nos meus afetos, chamam por nós todos, os que se foram e os que ainda são, pedem acolhida para chegar a serem saudades.



RIO MENINO

Perco pedaços de mim, em cada fantasia choro velho, rio menino, durmo inverno, acordo as primas e as veras.

MINHA ESCOLHA

Escolho minha própria forma de vida, com toda a certeza da originalidade que me conforma. Não sou só, transporto a eles e a elas meus ancestrais a quem carrego vivos, sou nós. Em minhas mãos seguem vigentes valores insistentes que não migram nem se rendem. Corre em mim o direito e a pose, a digna autonomia que motiva o meu viver.



QUEM

O tempo é um senhor soberano para nos contar quem é quem e o que somos.



A NASCENTE DOS RIOS

Estava decidido a buscar a saída do rio Bardauni. As águas nunca são muito sociáveis, guardam segredos, dominados por seus afluentes enigmáticos, dominam e circulam oferecem e recebem. Sinuosos lubrificam a vida e as saudades de Zahle em segredo.

AS HORAS VELHAS

As horas velhas cuspiram raivosas tempestades, proscritos todos os lutos, suspenderam-se os prantos até o dia seguinte. A tristeza proclamou que seguirá existindo por tempos imensos, mais além das ordens suspensivas, continuará aceitar ser profanada apenas pela dor das perdas.



SEJA DITA

Verdade seja dita: despejaram cimento nas virtudes quando a consciência ainda estava verde. Os desastres não tardaram a devorar as intimidades descuidadas. No manejo das velas e das âncoras, ninguém está imune às ambições e às imprudências.

TODOS OS EXÍLADOS

Reuni todos os exilados, os esquecidos, os precários, os injustiçados, os feitos sob medida, sob a repressão neurotizante. Los danos eram todos iguais. As confianças foram fulminadas por traições dos habitantes de um mundo descartável. Espalhadas as cinzas dos vivos, eles administram ralos valores, recolhem as economias afetivas, usavam o costume de anexar as individualidades contra o abandono.



ARREBENTANDO A CERCA

As saudades são criaturas metódicas quando saem nas frias madrugadas, nas manhãs ensolaradas, indo de um lugar a outro em busca de portadores. Buscam rotas seguras para sobreviver às idas e vindas, deixar pegadas, odores, arrebentando a cerca para poder fugir.

PESSOAS

Sendo sujeitos com histórias somos depositários de pessoas.



SOMBRAS FANTASMAS

Esse olhar sem defesa, recém-lançado, fresco, passeia por Nabatia, Miziara, Hammana, Samour. Tanto faz dizer lavado como levado, transitando no espaço que me separa do prazer de camuflar interessantes visões que criam sentir saudades dos desejos de antes. Esse olhar carregado de histórias verdadeiras põe fim a um desterro. Ali estão elas, postas uma ao lado de outras em Batroun, Anjar ou Karantina. Perdem-se vagando vagarosas feitas sombras fantasmas que insistem em não descansar.

DE UMA VEZ POR TODAS

Que desapareçam de uma vez por todas esses rastros que ficam ali imóveis murmurando a memória dos passos sem movimentos, ali no meio do caminho como se fosse uma crosta encravada no presente.



NO LUGAR

No lugar onde o tempo passa se povoam as existências, as histórias contadas, disponíveis. Dispostas ao unísono que lhes confere presença entre ruidosas tragédias e comemorações.

UMA VELHA IMAGEM

Uma velha imagem me acompanha há anos. Persistente, sinto-a internalizada em mim, ainda que ela saia a passear quando me encontro dormindo. Sai sem fazer ruído, circula por meus arredores buscando companhia. Em meio aos sonhos noturnos, me comovo com coisas perdidas, o olhar regressando a lugares onde todos estão vivos, sempre o mesmo percurso em evidência de Beirute a Barsa. Um suor denuncia a participação corporal que me inclui na cena. Cultivo um imaginário nostálgico que entre uma pena e uma agonia me empurra a uma tarde de inverno para evocar a memória familiar. Nela vê-se um navio partindo, mães chorando por seus filhos que jamais voltariam a ver e uma distância inundando vazios.

E QUE SEJA DADO

E que seja dado aos teus olhos o direito de descobrir a cor da terra em que pisas, o tamanho do universo que te acolhe, a generosa dádiva que te acompanha como a água cristalina que te aguarda no oásis e o amor da companheira que te fertiliza. Eleva tuas preces para que seja em ti mantida a sabedoria e que possas seguir sendo suficiente na partilha e saibas consolar aquele que te necessita. Deixa os teus excessos repousarem até se transformarem na tua essência, alimenta-te do sol e da lua, cada qual no seu tempo de oferta, receba e dê com a mesma humildade. Lembra sempre que, como os outros, tu também necessitas. Estende teu silêncio até o pensamento daquele que venha te conhecer, deixe-o saber de ti sem as palavras, assim ele terá uma visão mais autêntica oferecida pelo que tu és e não pelo que tu falas.

Ajuda-te abrindo a oportunidade para conheceres as estrelas e a luz que delas emana, abandone as pequenas dores, deixa-as cicatrizar sem exagerar o tamanho delas.

AMORES DESISTENTES

Sobre tanta ternura sobressaía um sorriso, os lábios vermelhos, olhos mediterrâneos e um encanto salvando amores desistentes.



DESMEMORIAS

Pela vida carrego a desmemoriada infância que apaga amigos, exclui medos, esconde quedas brutais. Voa como quero-quero, gritando por aí como se estivesse no quintal, furta a parreira, a figueira e todo mundo que ficava ali. Apaga o fogão a lenha e assopra a fumaça do ritual de assar kaftas douradas no carvão saindo de dentro das mãos de minha mãe. Ganhar a memória cura o mal de ter saudades, devolve uma infância como era antes de acontecer. Ajuda-te abrindo a oportunidade para conheceres as estrelas e a luz que delas emana, abandone as pequenas dores, deixe-as cicatrizar sem exagerar seu valor.

ENTREPOSTO

Sou como um entreposto fenício de onde chegam e saem ideias. Acolho ondas, invento versos, dali controlo o vento, dialogo com a terra, o mar, o céu, são meus aliados, intermediários que me solicitam conteúdos para transportar a distantes lugares.



TEMPOS REMOTOS

Vivo tratando de não lembrar, de não sentir todas as penas que me cercam, as saudades carregam pedaços, não se cansam de transportar as lembranças que insistem em me visitar, elas se disfarçam, enganam um tomo inteiro de censuras. Não funcionaram as trancas, elas avançam como badalada do antigo relógio, assoviam desde a foto na parede, cheiram como a comida da minha mãe, se vestem de verde como samambaia, trazem meu pai com a cuia, a erva e o chimarrão. Nunca me alcançam os desvios, suas pistas são mais ágeis do que eu. Não me servem de nada as tentativas para tratar de pô-las nos seus devidos lugares. Elas voltam todos os dias usam atalhos, cheiram a tempos remotos.

FILHO

Meu único ofício será celebrar-te a existência, neutralizar as desgraças, proteger-te até o fim da minha ou da tua vida, cuidar os ruídos que atravessam teu corpo e tua alma, tuas febres, teus choros, teu idioma que atravessa quartos, salas, cozinhas, soluços que causam graça e na contagiante preguiça dou o colo que é guia, por puro costume apago a luz e velo os silêncios que visitam os teus sonos.



ENCONTRAR

Conservei as raízes como parte de pagamento por uma promessa responsável.

MEUS ANTEPASSADOS

Não é externo, vem de um lugar conhecido; esteve alojado no coração, mudo, cercado pelo afeto que reveste a memória que espera a hora de deixar passar cheia de sangue, nutrindo visíveis angústias, saltando com o extremo das suas forças uma vida que transborda o tempo, rompe o silêncio avisando-me que em mim todos os antepassados renascem.



SONHOS INVENTADOS

Sonhei que todas as casas fugiam, que todos dormiam nas calçadas, que os sapatos foram todos roubados por animais descalços. Sonhei que todos os amparos se escondiam, que os pecados perseguiram os pecadores, que os pastos comeram as ovelhas e as pedras acolheram novos pós; que os vírus comeram as epidemias enquanto os vultos e as sombras se faziam companhia.

MATAR A SEDE

Não sei quanto tempo tarda um encanto. Conduzido perdi a cautela, esqueci as decepções, as fugas, me pareceu que já havia acontecido. Deixei que tudo aquilo se ocupasse de mim, convidado à inocência. Súbito, minha prudência meu grito, me deu a impressão que eu deslizava, matava minha sede na miragem.



PRETEXTO HÁBIL

Sob um pretexto hábil, sem deixar o mínimo rasto, foi, seguiu por caminhos povoados de pássaros assustados, a luz do sol e da lua tropeçando em seu corpo. Afagando a terra que pisava, andava só, Parecendo um pagador de promessas engolindo recordações, olhava desvairado aquela terra imensa e inexplorada. A senda trilhada ajustava seus passos à trilha que lá existia ainda. Deixando-se guiar pelo acaso, sonhava debruçado naquelas marcas, apropriando-se do sonho alheio. O vento o envolveu com um abraço quase humano, ao qual se agarrou. Por ali criou raízes e fundou seu jardim.

MINHA GEOGRAFIA

Congrego em minha geografia o negro, o indígena, o libanês, a música, a arte, a história, a realidade, a impureza, os detritos, o esqueleto, a consciência, a poesia, o devaneio, a submissão, a indignação, as queixas, o desespero, tudo correndo em contrastes rumo ao conjunto que me faz ter pena de mim mesmo por não alcançar uma idealizada harmonia. De vez em quando me arejo, deixando o desgosto de lado, luto conscientemente contra a melancolia, introduzo o humor, a alegria como um divisor da emancipação que caminha em direção a uma neutralização da dor e uma reutilização do amor, esse valor fundamental.



DEMASIADAS FADIGAS

São demasiadas as fadigas, semeadas as sepulturas, os choros se constituíram em movimentos involuntários, era o único meio de passar do desespero à esperança, continuar com esse ofício de sobreviver, de dar-se hospitalidade.

SOU COMO

Sou como um deserto atravessado por fugas e perigos. Portador de afetos vagueio isolado levando comigo um entusiasmo desertor. O que me importa é que uma venerável virtude desperta comovida quando tomo as refeições no mesmo chão, sabendo-me ter a luz recebida do mesmo sol, abrigada e nascida como agasalho. Sou como a lua ao soar a hora do descanso. Sou o grito da dor e da alegria quando afundo e flutuo. E se houver a despedida, serei o adeus.



FESTEJOS

A virtude abraçada à dor e à felicidade eleva as lágrimas quinze pés acima do seu nível ordinário. O medo das ventanias evita abordagens, enquanto a vergonha confunde recepção e decepção. Voltam do exílio, com esperança escolhem um novo lugar. Para estacionar a paciência buscam em muitos espaços. Retumbam por todas as partes do deserto, o vento uivando, o sol rachando, a sombra cíclica. Refugiados festejam honrados a acolhida.

NA MINHA PELE

Muitos estão na minha pele. Eles adoçam lembranças, ativam histórias mortas, caminham no meu hoje convictos da acolhida, trazem todos os abracadabras com que abriram a minha cabeça; são eles os autores da segurança que sustentaram minhas metas, meus protestos reduzidos pela metade.



A COR DAS PAIXÕES

Esse amor que exerço em condições de liberdade revela-se anterior a tudo que vivi depois, ele de verdade se encontrava nos sonhos dos meus pais como personagens que passeavam sem tempo e espaço, vestindo a roupa de ocasião e colorindo paixões.

ESSE OLHAR MEDITERRÂNEO

Esse olhar fundo, mediterrâneo, chega profundo, altera a paz agita a indesejada quietude que verte, afasta os desânimos redistribui sobrevivências. Desaloja os laços mutantes para deter-se, instalar-se afetivo, central, significativo.



O PASSEIO DAS ALMAS

Um conjunto de ressurreições acordará um exército de temores ancestrais, passearão as almas, voltando para fazer justiça, desmentir as falsas juras, confirmar os hábitos. Serão todos os dias agitadas sextas-feiras, meias-noites tensas, mares profundos, dosando as rezas serão limitadas as confissões, os perdões, farão correr os egoísmos, desafiarão as misteriosas leis da natureza e implantarão a vocação para abandonar o ciúme, a inveja e tudo aquilo que tenha de fazer para tirar dos vivos a propriedade das mentiras, derrubando as barreiras que sustentam as hipocrisias.

Roberto Curi Hallal

